

Religiosidade Afro-Brasileira, Branquitude e Mercantilização da Fé: Uma Análise Imagética de “Mãe Michelly da Cigana”¹

Matheus Guimarães C. da Silva²

Ribamar José de Oliveira Junior³

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

RESUMO

A pesquisa investiga a apropriação de elementos das religiões afro-brasileiras pela branquitude no ambiente midiático, tendo como foco o caso de “Mãe Michelly da Cigana”. O problema centra-se na espetacularização do sagrado como forma de autopromoção e lucro. O objetivo é refletir sobre os impactos dessa prática na preservação das tradições religiosas e nas desigualdades raciais. A metodologia é qualitativa, com análise de mídias digitais e reportagens, fundamentada em autores como Hall, Bento e Sodré. Os resultados evidenciam a mercantilização da fé e a reprodução de privilégios brancos em contextos tradicionalmente negros.

PALAVRAS-CHAVE: mídia; religiosidade afro-brasileira; mercantilização da fé; branquitude; representatividade.

ENTRE A CURTIDA E O AXÉ

O presente trabalho propõe uma reflexão crítica sobre a apropriação de elementos das religiões afro-brasileiras pela branquitude no contexto midiático contemporâneo, a partir da análise do caso de “Mãe Michelly da Cigana”. A crescente presença de discursos religiosos nas redes sociais, bem como a interação entre a visibilidade digital e as dinâmicas raciais, constituem o foco da investigação.

O trabalho investiga a imagem de “Mãe Michelly da Cigana”, figura popular nas redes sociais e na televisão brasileira, cuja atuação tem sido marcada por um sincretismo pouco criterioso e pela utilização de elementos simbólicos de várias religiões de matriz afro-brasileira. O sincretismo promovido pela influenciadora é interpretado não como uma prática de diálogo inter-religioso, mas como uma apropriação simbólica que visa atender interesses de autopromoção e monetização da fé, sobretudo por meio de estratégias de marketing digital voltadas para um público amplo

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Socialidades, Intersubjetividades e Sensibilidades, evento integrante da programação do 22º Congresso de Ciências da Comunicação da Região Norte, realizado de 28 a 30 de maio de 2025.

² Estudante de Graduação 9º. semestre do Curso de Licenciatura em Letras-Libras da FL-UFRJ, email: mtheus.g28@gmail.com

³ Professor Substituto da Escola de Comunicação da UFRJ. email: ribamar.junior@eco.ufrj.br.

e heterogêneo. “Mãe Michelly da Cigana” surge como um exemplo emblemático deste fenômeno, alcançando notoriedade nacional a partir de ações midiáticas de grande impacto, como a instalação de uma imagem de Belzebu na fachada de sua residência e, posteriormente, a construção de um cemitério consagrado à entidade Maria Padilha.



Figura 1 - Mãe Michelly da Cigana posando em frente à fachada de sua casa em Alvorada (RS)
Fonte: Ronaldo Bernardi/ Agência RBS

A proposta é compreender como essa personagem se insere em um cenário mais amplo de espetacularização do sagrado e de apagamento das origens culturais negras, explorando a relação entre identidade racial, visibilidade midiática e apropriação simbólica. À partir do caso de “Mãe Michelly”, observa-se a interdependência entre o Instagram e a televisão na construção de figuras públicas religiosas, bem como a atuação dos algoritmos na amplificação de determinados conteúdos. Apesar da televisão ter perdido um significativo espaço para as novas tecnologias e plataformas de comunicação, como o celular e as redes sociais, esta continua sendo um veículo no qual as representações são materializadas de maneira robusta através da junção de múltiplas linguagens, signos e imagens (Hall, 2016). O uso das plataformas digitais para

comercialização de serviços religiosos e autopromoção, aliado ao crescimento expressivo de seguidores e aparições na mídia tradicional, revela um processo de mercantilização da fé, que desconfigura os espaços sagrados de coletividade e resistência das religiões afro-brasileiras.

Por meio de um estudo qualitativo com base em reportagens jornalísticas, postagens em redes sociais e referências teóricas sobre identidade, racismo estrutural e representação midiática, argumenta-se que a imagem de Mãe Michelly configura-se como um caso de empresariamento da fé e de apropriação simbólica de um repertório religioso negro, sem que haja uma ancoragem nas experiências históricas e culturais que o sustentam.

“[...] O fragmento da reportagem nos oferece um panorama inicial dos cultos realizados por Mãe Michelly da Cigana em três vertentes: (i) o culto à Oxum, em geral é uma Orixá vinculada ao Candomblé; (ii) o culto à Umbanda, religião afro-brasileira que possui diferentes linhas e (iii) o culto à Quimbanda, religião africana tradicional dos países da África Ocidental. É preciso salientar que a presente análise não se propõe em estabelecer um parâmetro sobre quais são os limites nos quais um indivíduo deve ter ao participar simultaneamente de vários cultos, mas sim de refletir sobre quão conveniente, senão perigoso, pode ser a construção de uma narrativa única que visa representar várias religiões que compartilham um traço comum – possuir influências de tradições africanas. Outro ponto de destaque das reportagens sobre a homenagem de Mãe Michelly à Belzebu, é o alto valor de investimento que a sacerdotisa fazia para prestar as homenagens. Segundo outro portal de notícias, a imagem fixada na fachada da casa custou cerca de 20 mil reais – oriundos dos trabalhos e simpatias que Mãe Michelly oferecia em suas redes sociais aos seus 700 mil seguidores.” (Guimarães, 2024)

As religiões afro-brasileiras, como o Candomblé, a Umbanda, a Quimbanda e o Batuque, são expressões culturais e espirituais marcadas por histórias de resistência frente ao racismo e à intolerância religiosa. Contudo, observa-se um movimento recente em que elementos dessas tradições têm sido apropriados pela branquitude que, muitas vezes, alheias ao contexto original dessas práticas, utilizam-nos como forma de projeção pública e monetização da espiritualidade. O sucesso de Mãe Michelly também está relacionado ao seu lugar social enquanto mulher branca em uma religião historicamente negra. A branquitude, nesse contexto, atua como um fator de blindagem frente à intolerância religiosa e à criminalização do sagrado, uma vez que sua representação está situada em uma sociedade que ainda é amplamente impactada pelos reflexos de um

passado racista e que dispõe de fenômenos não verbalizados que perpetuam privilégios e auto-preservam sujeitos frente às possibilidades de intolerância religiosa (Bento, 2022). Enquanto lideranças negras enfrentam resistências e perseguições, figuras brancas são frequentemente legitimadas e celebradas pela mídia e pelo público, reproduzindo desigualdades estruturais já amplamente denunciadas.

O caso de “Mãe Michelly da Cigana” exemplifica como as religiões de matriz africana têm sido instrumentalizadas como recurso de visibilidade e enriquecimento, sem o devido compromisso com suas origens e significados. Com o avanço das redes sociais e o declínio da centralidade da televisão tradicional, o algoritmo se tornou um mediador essencial da visibilidade pública. Figuras religiosas que antes dependiam de reconhecimento dentro de suas comunidades, hoje conquistam audiências globais com estratégias digitais. No caso de “Mãe Michelly”, o uso de imagens impactantes, revelam uma compreensão aprofundada das lógicas de engajamento da internet.

“[...] Dando continuidade à análise, no intervalo de um ano entre as aparições de Mãe Michelly da Cigana nos portais de notícia, seu perfil no Instagram obteve um crescimento de 37%, resultando em cerca de 1,1 milhão de seguidores. Em consonância com o seu crescimento midiático, Mãe Michelly passou a adotar novas terminologias para designar a sua prática. O termo “macumba” passou a ser visto com mais frequência no seu perfil, designando tanto a sua prática quanto produzindo publicações de humor voltado para pessoas de religiões de matriz afro-brasileira e a influenciadora digital passou a fazer vídeos sobre o Batuque – religião afro-brasileira baseada no culto às divindades africanas, com um certo nível de proximidade com as nações do Candomblé e intimamente ligada com a identidade e cultura gaúcha. Mãe Michelly passou a fazer aparições em programas de televisão da Rede SBT em diversos estados do Brasil, sendo convidada a participar do Teleton, além de inúmeras presenças em programas de rádio e podcasts para falar do sucesso dos seus trabalhos espirituais e fazer previsões para famosos.” (Guimarães, 2024)

Mãe Michelly declara-se praticante de três vertentes religiosas: culto à Oxum, Umbanda e Quimbanda, e em seu discurso, não há preocupação com distinções teológicas ou históricas entre tais práticas, o que levanta questionamentos sobre o grau de comprometimento com a tradição e o respeito às identidades religiosas afro-brasileiras. A proposta de criar um "santuário universal" para religiões de matriz afro-brasileira e povos ciganos pode ser interpretada como uma tentativa de unificação artificial que ignora as especificidades de cada tradição. A mercantilização da fé, com

serviços espirituais amplamente divulgados nas redes, coloca em xeque a autenticidade da prática religiosa e reforça estigmas de charlatanismo que há muito são atribuídos injustamente às religiões de matriz afro-brasileira. Tal aspecto evoca uma ruptura com a lógica do que se propõe ser uma mãe de santo e estar vinculada a um espaço físico e de coletividade, como o Terreiro, uma vez que o empresariamento e a mercantilização da fé são sobrepostos ao que deveria se propor como um espaço sagrado, de resistência e de identidade cultural (Sodré, 2002).



Figura 2 - Mãe Michelly da Cigana posando para foto na capela de Maria Padilha em Viamão (RS)

Fonte: Reprodução/ Redes sociais

A abordagem metodológica deste estudo é qualitativa e exploratória, com base na análise de conteúdos jornalísticos, registros audiovisuais em redes sociais e entrevistas concedidas por Mãe Michelly a diferentes meios de comunicação. Utiliza-se também referencial teórico que articula os estudos culturais (Hall, 2016), a crítica ao racismo estrutural (Bento, 2022) e os estudos sobre comunicação e religiosidade (Sodré, 2002). Por fim, a análise propõe um olhar crítico sobre a espetacularização do sagrado e sobre os mecanismos que perpetuam o privilégio racial, mesmo em espaços de resistência cultural e espiritual.

REFERÊNCIAS

BENTO, C. **O Pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CARVALHO, P. **Mãe de santo instala Belzebu em casa do RS**: "É um rei, não tenho vergonha". Notícias Uol, 22 mar. 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2023/03/22/estatua-belzebu-casa-alvorada.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 6 dez. 2024.

CARVALHO, P. **Dona de estátua de Belzebu investe R\$ 2 mi e cria cemitério para pombagira**. Notícias Uol, 29 abr. 2024. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2024/04/29/dona-de-belzebu-mae-de-santo-investe-r-2-mi-em-cemiterio-para-pomba-gira.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 6 dez. 2024.

FREITAS, R. O. **Candomblé e Internet**: ejó, conflito e publicização do privado em mídias digitais. Revista Tabuleiro de Letras, Salvador, v. 13, n. 2, dez. 2019.

HALL, S. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Apicuri, 2016.

INSTAGRAM. **Mãe Michelly da Cigana**. Disponível em: https://www.instagram.com/maemichellydacigana?utm_source=ig_web_button_share_sheet&igsh=ZDNlZDc0MzIxNw==. Acesso em: 6 dez. 2024.

SODRÉ, M. **O terreiro e a cidade**: a forma social negro-brasileira. Salvador: Imago, 2002.